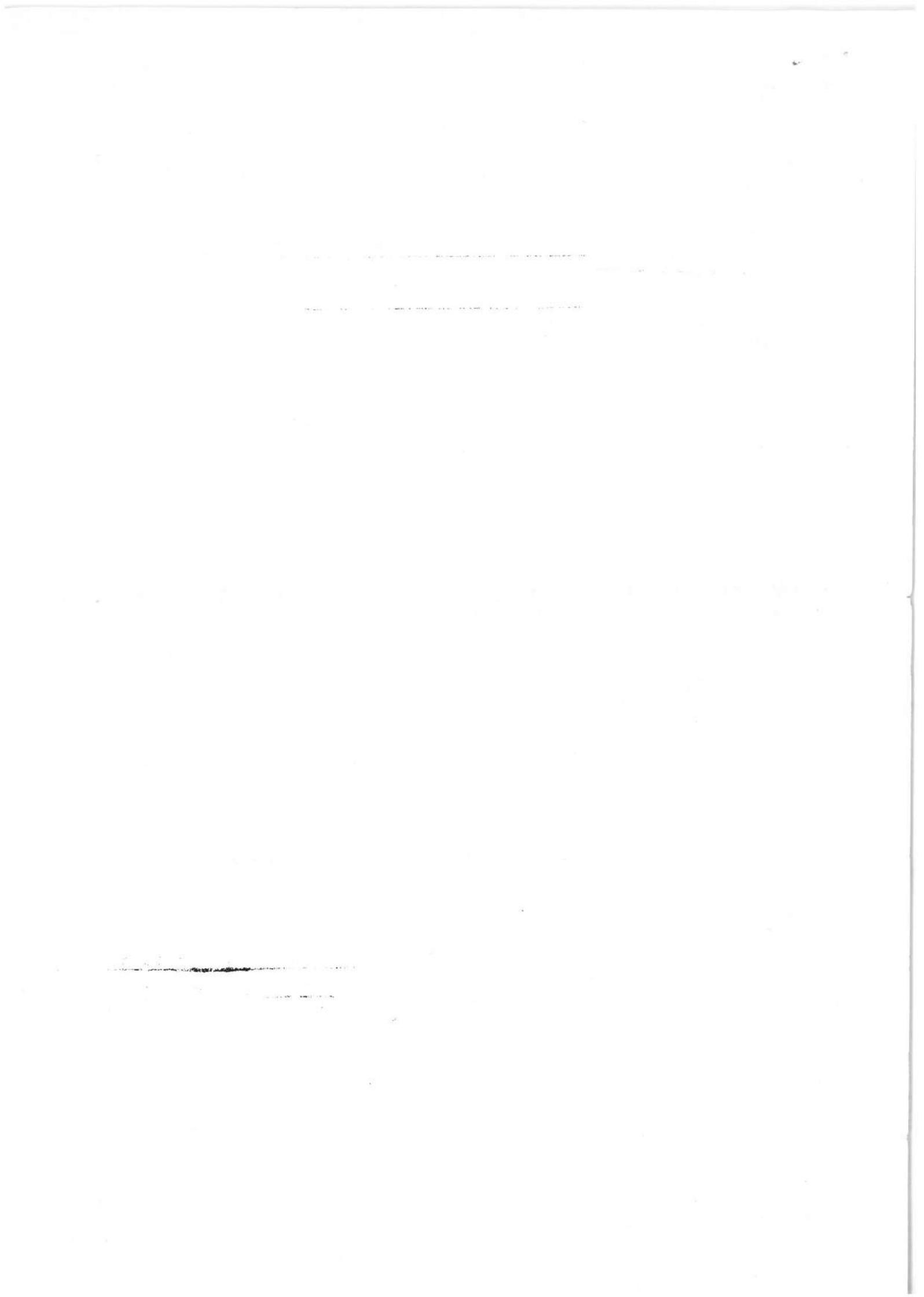

PACEM IN TERRIS

10 anos depois

Reflexão e proposta de
um grupo de cristãos.



No dia 11 de Abril de 1973 celebra-se o décimo aniversário da "Pacem in Terris" do bom João XXIII.

Devemos voltar, como se fosse pela primeira vez, a ler, a interiorizar - a escutar - a viver o apelo à condição necessária para que venha o Reino de Deus - a PAZ. Este é o apelo a todos os cristãos e homens de boa vontade que realizam o Amor na dinâmica da construção da Paz.

"Paz na terra, anseio profundo dos seres humanos de todos"
"os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão "
"no pleno respeito da ordem instituída por Deus."
"Contrasta clamorosamente com essa perfeita ordem-univer-"
"sal a desordem que reina entre indivíduos e povos, como "
"se as suas relações mútuas não pudessem ser reguladas se"
"não pela força."

Esta encíclica surgiu no horizonte como apelo à prática da Paz e da Justiça e como expressão de muitos cristãos (bispos, padres e leigos) que lutavam e lutam por um mundo mais fraterno, mais justo, mais de todos e menos "só de alguns".

oooOooo

Qualquer que seja a forma de celebrarmos esta encíclica, só terá sentido para nós, como Povo de Deus, se tornar urgente viver os caminhos por ela apontados, mas ainda não percorridos. Por isso, recordemos alguns dos seus aspectos mais significativos e que deverão ser pontos de partida para a nossa conversão, construção do Reino de Deus:

- "o ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida..."
- "todo o ser humano tem direito natural ao respeito da sua dignidade e à boa fama; direito à liberdade na pesquisa da verdade e, dentro dos limites da ordem moral e do bem comum, à liberdade na manifestação e difusão do pensamento, bem como no cultivo da arte. Tem direito também à informação verídica sobre os acontecimentos públicos"
- direito de reunião e associação: "para salvaguardar a dignidade e a liberdade da pessoa humana, sem lhe comprometer o sentido da responsabilidade."
- "Uma convivência baseada unicamente em relações de força nada tem de humano: nela vêm as pessoas coartada a própria liberdade quando, pelo contrário, deveriam ser postas em condição tal que se sentissem estimulados a procurar o próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento."
- "Hoje, em toda a parte, os trabalhadores exigem arduamente não serem tratados como simples coisas, sem entendimento nem liberdade, à mercê do arbítrio alheio mas como pessoas em todos os sectores da vida social, tanto no sector económico-social como no da política e da cultura."
- "Uma vez que todos os povos já proclamaram ou estão para proclamar a sua independência, acontecerá dentro em breve que já não existirão povos dominadores e povos dominados."

- "Hoje, comunidade nenhuma de nenhuma raça quer estar sujeita ao domínio de outrém, porquanto, no nosso tempo, estão superadas seculares opiniões que admitiam classes inferiores de homens e classes superiores, derivadas de situação económico-social, sexo ou posição política. Ao invés, universalmente prevalece hoje a opinião de que todos os seres humanos são iguais entre si por dignidade de natureza. As discriminações raciais não encontram nenhuma justificação, pelo menos no plano doutrinal. E isto é de um alcance e importância imensa para a estruturação do convívio humano segundo os princípios que acima recordámos."
- "As relações entre os Estados devem basear-se na verdade. Esta exige que se elimine delas todo e qualquer racismo. Tenha-se como princípio inviolável a igualdade de todos os povos, pela sua dignidade de natureza. Cada povo tem, pois, direito à existência, ao desenvolvimento, à posse dos recursos necessários para realizá-lo e a ser o principal responsável na actuação do mesmo, tendo igualmente direito ao bom nome e à devida estima."
- "Deve-se declarar abertamente que é grave injustiça qualquer acção tendente a reprimir a energia vital de alguma minoria e, muito mais, se tais maquinações intentam exterminá-la."
- "Todos devem estar convencidos de que nem a renúncia à competição militar, nem a redução dos armamentos, nem o principal que seria a sua completa eliminação, nada disto se pode de forma alguma levar a efeito, se não se proceder a um desarmamento integral, que atinja o próprio espírito; isto é, se não trabalharem todos em concórdia e sinceridade para afastar o medo e a psicose de uma possível guerra. Mas isto requer que, em vez de critério de equilíbrio em armamentos que hoje mantém a paz, se abraçe o princípio segundo o qual a verdadeira paz entre os povos não se baseia em tal equilíbrio, mas sim e exclusivamente na confiança mútua. Nós pensamos que é este um objectivo possível, por se tratar de uma causa que não só se impõe pelos princípios da recta razão, mas que é sumamente desejável e fecundo em preciosos resultados."
- "Difunde-se cada vez mais entre os homens do nosso tempo a persuasão de que com negociações, e não com armas, se devem dirimir as eventuais controvérsias entre os povos."
- "a paz é uma palavra vazia de sentido, se não se funda na ordem que, com confiante esperança, esboçámos nesta Nossa Carta Encíclica: ordem fundada na verdade, constituída segundo a justiça, alimentada e consumada na caridade, realizada sob os auspícios da liberdade."

oooOooo

Eis algumas ideias deste apelo, que escrito há dez anos, nem por isso está desactualizado. Esta interpelação conserva mais do que nunca a verdade acerca de uma situação local e universal que não é de Paz, mas de guerra (quer no sentido restrito, quer no geral - de pecado).

Desde 11 de Abril de 1963 já muitos homens e mulheres, já muitos jovens e crianças, sofreram e morreram, devido à ambição de

"alguns" que dominam o mundo, devido à loucura do poder, do ter. Nestes 10 anos os nossos ouvidos e olhos escutaram e viram a guerra do Vietnam, do Biafra, de Israel e dos Países Arabes, na Irlanda e em África: Guiné, Angola e Moçambique. Porquê ?

Ao nível da igreja universal, muitos têm sido os apelos para a construção da Paz: o último Sínodo dos Bispos, os diversos documentos sobre a justiça e a paz, quer pontifícios quer de igrejas locais, e a insistente interpegação de Paulo VI, no primeiro dia de cada ano, chamando os cristãos e os homens de boa vontade à reflexão e acção em ordem à paz pela construção da justiça.

ooo06oo

Nós, cristãos em Portugal, que fazemos ? Qual a resposta que damos ao Príncipe da Paz ?

Há 13 anos que a nossa juventude parte para uma guerra. Aceitamos esta situação ? Já começámos a querer construir caminhos de paz ? Muitos dizem que não é fácil, claro ! Quem duvida ? Mas cada dia que passa a situação agrava-se.

E não só a guerra em África. Não estará uma outra também instalada aqui, bem perto de nós ? As manifestações de repressão são evidentes. Ainda há bem pouco tempo assistimos à prisão do Padre Mário de Oliveira. Que se disse ? E na ausência de informação que se fez ?

O direito de reunião e associação são negados na prática. E a Igreja que utilização faz dos espaços que ainda possui ? São espaços postos ao serviço da justiça e da paz ?

No nosso país, a televisão, a rádio, a imprensa, enfim os meios de comunicação social sujeitos que estão à censura oficial, revelam uma situação de domínio por parte dos poderes ideológicos e económicos dominantes.

A emigração agrava, de dia para dia, a situação do país, na sua debilidade económica e na sangria progressiva dos valores humanos.

As condições de trabalho só aparentemente se modificam, a exploração das classes trabalhadoras permanece. Ultimamente temos assistido, por exemplo, a alguns despedimentos de trabalhadores em massa. E que dizer da situação dos Cabo-Verdianos, a mão de obra mais barata e que fazia falta?! Não é uma exploração humana às nossas portas ?

ooo0ooo

Deveamos celebrar o aniversário da Pacem in Terris, mas com uma interrogação profunda: Que temos feito pela construção da PAZ ? Que temos feito para tirar o "pecado" do dimotda terra e do interior do Homem ?

O nosso Patriarca na sua carta Carta Pastoral sobre a Penitência advertiu-nos: "A vida cristã processa-se na transformação progressiva das pessoas e da comunidade, em ordem a uma identificação sempre mais perfeita com Cristo."

Queiramos ou não, ao assumirmos a nossa fé em Jesus Cristo somos portadores da Boa-Nova: a libertação de todo o homem, de todas as nações. Só a Paz é portadora dessa libertação. Mas Paz não é só ausência de guerra, nem tão pouco um equilíbrio de forças onde o mais

fraco está verdadeiramente dominado pelo mais forte, pelo opressor. Paz é a libertação total do pecado individual e colectivo. "O pecado exige necessariamente uma conversão não só individual como também comunitária. São índices de pecado colectivo certas situações da sociedade atentatórias de valores cristãos, tais como: a verdade, o respeito pela dignidade da pessoa, a convivência social, as condições mínimas para uma vida digna, a justa liberdade de expressão, a distribuição equitativa do trabalho e dos bens, o equilíbrio entre a profissão e a vida pessoal e familiar. Os cristãos devem, pois, penitenciar-se, empenhando-se nos vários domínios da sociedade, de modo a tornarem realmente respeitados e vividos os referidos valores." (Carta Pastoral do Patriarca de Lisboa sobre a Penitência).

Reunamo-nos e pensemos comunitariamente a "Paxem in Terris" para 1973, no mundo e aqui em Portugal.

Um Grupo de Cristãos

11 de Abril 1973

